

UM MUSEU FABULOSO

por Mário Soares

1. Em tempos de recessão - e com o País preocupado e deprimido - dá gosto e faz bem ao ego dos portugueses fazerem uma visita, se possível guiada, ao novo Museu do Oriente. Aconselho-a vivamente.

A Fundação do Oriente - e Carlos Monjardino, seu Presidente - estão, francamente, de parabéns. Realizaram uma obra de grande beleza e sobriedade, de enorme dimensão e significado nacional, no velho armazém frigorífico, mais ou menos abandonado, do Bacalhau, onde mandava o polémico almirante Tenreiro, próximo da Gare Marítima de Alcântara, agora recreado por dentro, com inegável mestria, arte e bom gosto pelo arquitecto Carrilho da Graça. Também está de parabéns, bem como o meu querido Amigo, arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles, que fez o arranjo urbanístico exterior e conseguiu o milagre de esconder a linha do caminho de ferro...

A visita faz bem aos portugueses porque nos mostra, com obras de rara beleza, impressionantemente bem expostas, a decisiva importância que os portugueses tiveram - e continuam a ter, embora a maioria o não saiba - no Oriente, quanto à forma como viram, interpretaram, divulgaram na Europa e deixaram a sua marca, na imagética oriental, nas religiões, nas obras de arte e naquelas requintadas civilizações que encontraram, em grandes países, como: a Índia, a China, o Japão, a Coreia, o Tibete, Myanmar, a Indonésia, Macau e Timor. Mostra-se, assim, como os portugueses iniciaram no séc. XVI, e continuaram a fazê-lo até hoje, o diálogo entre o Ocidente e o Oriente e o encontro fecundo entre tão diferentes civilizações - diálogo e encontro que mantêm uma extraordinária actualidade, no mundo global, tão conturbado e complexo em que hoje vivemos.

As colecções expostas representam acervos, laboriosa e criteriosamente adquiridos, pela Fundação Oriente, milhares de peças de várias procedências e civilizações, ao longo dos últimos vinte anos da sua existência, em antiquários asiáticos, europeus e leilões, realizados em várias regiões, mas sempre de grande qualidade. Além disso, a colecção Kwok On, extraordinária, organizada pelo sinólogo francês Jacques Pimpaneau, que a depositou em boa hora na Fundação. E, finalmente, para só citar as principais, centenas de peças (de madrepérola, biombos, móveis, pinturas, faianças, marfins, etc.) depositadas pelo Museu Machado de Castro, por exemplo, as colecções doadas àquela instituição por dois grandes artistas e escritores, Camilo Pessanha e Manuel Teixeira Gomes, refinado homem de cultura e arte, embaixador da República em Londres e, depois, Presidente da República, e ainda peças variadas do Museu Nacional de Arte Antiga, da Sociedade de Geografia, e de outras entidades, públicas e privadas.

Tive o grande privilégio de visitar o Museu guiado por Carlos Monjardino, Presidente da Fundação Oriente (meu velho Amigo, que também já fui de seu Pai, ilustre médico, Pedro Monjardino e de seu Avô materno, o grande professor de Medicina, Pulido Valente), responsável pela aquisição da maior parte do acervo, e pelas Dr^{as}. Natália Correia Guedes, actual conservadora do Museu e Manuela Oliveira Martins, sua principal colaboradora, ambas profundas conhecedoras das obras expostas e da Arte, da Imagética e das Religiões Orientais.

A influência dos portugueses na Ásia - e por toda a parte onde passou a missão dos nossos jesuítas, franciscanos, dominicanos e outras ordens - é realmente extraordinária, pelo que representou e pelo que dela persiste. Sem esquecer, obviamente, África, o Brasil e o resto do Mundo, por onde os portugueses andaram - e andam - que não fazem parte do património do Museu do Oriente. Somos realmente um Povo singular, aberto ao vasto mundo e a todas as Civilizações e influências, ao diálogo de culturas, no melhor sentido do termo, às influências que sofremos e às marcas que deixamos.

Aliás, a Exposição permanente está inspirada, em todo o seu percurso, por dois grandes livros-guia: os Lusíadas, de Camões; e A Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, dois portugueses seiscentistas que viveram e escreveram no primeiro grande século da saga dos Descobrimentos, deixando-nos, cada um à sua maneira, uma marca indelével da sua visão originalíssima.

O Museu do Oriente para além da mostra permanente, que tentei escrever em síntese, está aberto a Exposições Temporárias. A que lá está agora intitula-se "Máscaras da Ásia". Tem ainda um importante Centro de Documentação e uma Biblioteca especializada, um excelente Auditório para conferências e espectáculos, com 350 lugares e instalações destinadas às crianças que visitam o Museu e que são convidadas depois de o verem, a desenhar e pintar o que sentiram. Uma experiência inovadora, com resultados à vista, espectaculares, que irá ser completada com visitas de alunos seleccionados e pertencentes a escolas de vários países marcantes da rota do Oriente, onde os portugueses estiveram.

Dispõe ainda de uma loja bem provida onde se podem comprar os três catálogos do Museu, livros da especialidade, reproduções de algumas das obras expostas, tecidos orientais, etc. E ainda um restaurante, com uma vista espectacular sobre o Rio, de onde partiram as caravelas, um bar e amplos espaços de lazer. Desculpem os leitores, esta descrição que parece de propaganda, mas não é. Tem uma intenção didáctica e patriótica. Visitem o Museu do Oriente! Visitas destas, em tempos complexos, vão, seguramente, fazer muito bem ao ego dos portugueses.

2. Siza Vieira. Aproveito para vos falar de uma obra que ainda não tive oportunidade de visitar, do nosso genial arquitecto, Álvaro Siza Vieira, sobre a qual tenho lido, com prazer e proveito. Como lhe chamam os nossos irmãos brasileiros: o Óscar Niemeyer português.

Trata-se do edifício da Fundação Iberê Camargo, também museu, em Porto Alegre, terra gaúcha, ao sul do Brasil. É uma peça arquitectónica, "que parece uma escultura", no dizer do seu autor, cuja maqueta, ganhou o Troféu Leão de Ouro na oitava Bienal de Arquitectura de Veneza, em 2002 e que só há dias foi inaugurada pelo ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil. O ministro chamou-lhe "um edifício escola e um exemplo único de uma arquitectura inteligente.

É muito importante, para Portugal, que isso tenha acontecido. É mais um traço inter-atlântico que une as duas Pátrias de língua portuguesa. Vale muito mais do que as campanhas publicitárias sobre Portugal, que se têm feito no estrangeiro, caríssimas e cujos resultados são, ao que dizem, francamente decepcionantes... É certo que muitos ainda não perceberam que "o homem é o capital mais valioso" e que, portanto, o que devemos fazer é apostar na nossa gente e nos grandes valores que cá temos, em vez de os denegrir ou esconder com o véu espesso do silêncio...

Lisboa. 3 de Junho de 2008